

Artigo

Missão e comunidades eclesiais missionárias, por uma ótica decolonizante

Mission and missionary ecclesial communities, from a decolonizing perspective

Diego Nunes de Oliveira¹

 0009-0002-6597-9355

Jovanir Gonçalves da Cruz Junior¹

 0009-0004-6444-0942

Juliano Aparecido de Oliveira Amaral¹

 0009-0008-2576-0328

Miguel Winicios Camargo¹

 0009-0003-7981-5383

Vinicius Henrique Andrade¹

 0009-0007-6099-1220

Resumo

Neste estudo, objetiva-se apresentar a missão da Igreja através das ações das comunidades eclesiais missionárias e as instâncias dos conselhos missionários partindo da realidade da Província Eclesiástica de Campinas - em especial, das atuações missionárias da diocese de Limeira. Para isso, contou-se com a colaboração da coordenadora do Conselho Missionário Sub-regional de Campinas, Elisângela Rodrigues da Silva, que concedeu uma entrevista aos pesquisadores. A partir deste momento, o trabalho se amplia para contemplar a realidade missionária da Igreja, trazendo como ponto em destaque a decolonialidade. Discernindo a missionariedade a partir das Sagradas Escrituras e do magistério, busca-se fundar as ações missionárias que, por sua vez, irão propor, a partir dos planos e das diretrizes da Igreja, ações que culminem na vida missionária e se entrelaçarão à visão decolonial apontada. Para isso, foram realizados levantamentos, análises e debates das obras de Estêvão Raschiatti, Paulo Suess e João Panazzolo, frente ao contexto missionário e decolonial na estrutura missionária da Igreja.

Palavras-chave: Conselhos missionários. Comunidades missionárias. Decolonização. Missão.

Abstract

In this study, the objective is to present the mission of the Church through the actions of ecclesiastical missionary communities and the instances of missionary councils based on the reality of the Ecclesiastical Province of Campinas - in

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Faculdade de Teologia. Campinas, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: J. G CRUZ JUNIOR. E-mail: jovanirjr@gmail.com

particular, the missionary activities of the diocese of Limeira. For this, we count on the collaborator of the coordinator of the Sub-regional Missionary Council of Campinas, Elisangela Rodrigues da Silva, who gave an interview to the researchers. From this moment on, the work expands to contemplate the missionary reality of the Church, highlighting decoloniality. Discerning missionary activity from the Holy Scriptures and the teaching profession, we seek to establish missionary actions that, in turn, will propose, based on the plans and guidelines of the Church, actions that culminate in missionary life and will be intertwined with the decolonial vision. pointed out. To this end, surveys, analyzes and debates were carried out on the works of Estêvão Raschiatti, Paulo Suess and João Panazzolo, in light of the missionary and decolonial context in the missionary structure of the Church.

Keywords: *Missionary advice. Missionary communities. Decolonization. Mission.*

Introdução

Com o intuito de contemplar a missão da Igreja através da missionariedade em um contexto histórico pastoral da Igreja Católica e em uma perspectiva decolonial, este trabalho buscará apresentar a construção histórica da missão através de documentos da Igreja, apresentando as organizações e atuações dos conselhos missionários. Para isso, foram realizados levantamentos, análises e debates das obras de Estêvão Raschiatti, Paulo Suess e João Panazzolo, frente ao contexto missionário e decolonial da estrutura missionária da Igreja, além de diálogos com membros da coordenação das comissões missionárias.

Para esse estudo, este projeto se divide em três partes, que, seguindo a metodologia² contemplar, discernir e propor, perpassará pela estrutura da Igreja, a decolonialidade, o diálogo e enfrentamento entre estas, iluminando, à luz das Sagradas Escrituras, da Sagrada Tradição e do magistério, a missionariedade da Igreja. Por fim, este trabalho trará, a partir da decolonialidade e das Diretrizes da Ação Evangelizadora no Brasil 2019-2023, somadas ao Programa Missionário Nacional, as perspectivas das comunidades eclesiais missionárias. Toda essa visão parte de um diálogo, aqui registrado, com a coordenadora do Conselho Missionário da Sub-região Campinas, Elisangela Rodrigues da Silva, que busca elucidar as estruturas missionárias das dioceses da província, além das ações e dos desafios frente à missionariedade na Diocese de Limeira³.

Inicialmente apresenta-se a missão da Igreja a partir do magistério, partindo do Decreto Ad Gentes, passando pelo Documento da V Conferência Geral do Episcopal Latino-Americano e do Caribe (CELAM de Aparecida), pelo Documento 100 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) - *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia* e fechando com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE) para o quadriênio 2019-2023 (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2019a). Dessa forma, busca-se um olhar amplo e atual frente ao contexto de missiologia da Igreja. Faz-se necessário compreender também o que é a decolonização e as suas perspectivas frente à missão atual e histórica da Igreja.

² Método vigente no contexto latino-americano, ver – julgar – agir, embebido das fontes fornecidas pelas Conferências Episcopais. Embasado nessas mesmas fontes, o Papa Francisco reformulou a metodologia ao apresentá-la num ordenamento de CONTEMPLAR a realidade proposta; DISCERNIR, à luz das fontes da Fé e do contributo autêntico do Magistério, um direcionamento para se PROPOR um novo modo de agir pautado no exercício do discernimento. Jesuíta por vocação, Francisco insere em seus textos o pensamento de Santo Inácio de Loyola ao abarcar uma espiritualidade inaciana que contempla mais do que analisa friamente, discerne mais do que escolhe e propõe mais do que age de forma voluntarista (FRANCISCO, 2020).

³ A Diocese de Limeira, localizada entre as regiões metropolitanas de Campinas, Piracicaba e São Carlos, foi instalada em 25 de junho de 1976 (47 anos), em uma solene concelebração eucarística presidida, na época, pelo Nuncio Apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco (1912-1982), com a participação expressiva de bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e grande presença de fiéis. Atualmente, Dom José Roberto Fortes Palau é o Bispo Diocesano de Limeira. A Diocese é composta por 16 cidades, 97 paróquias, aproximadamente 1.180.000 habitantes (de acordo com o censo nacional de 2022) e vive, no ano de 2023, seu triênio em preparação ao seu Jubileu de Ouro (50 anos).

A partir disso, os estudos buscam discernir a missão à luz da Santíssima Trindade de forma a demonstrar como a missionariedade se dá no chamado, no anúncio e no impulso que advém da presença constante e salvífica da Trindade. Outro ponto iluminador dessa fase se dá no mandato evangélico da missão; como ao longo das Sagradas Escrituras, a missão é referência e caminho soteriológico. Para então voltar os olhos para a decolonização à luz das Sagradas Escrituras e do magistério no intuito de destacar como o real projeto missionário de Cristo fundamenta um projeto decolonial.

Por fim, o trabalho aborda a decolonização e a missão prática na sociedade, lançando mão do magistério para fundamentar sua presença na realidade missionária. A partir disso, a discussão se volta para uma realidade mais próxima das comunidades eclesiais missionárias (DOC 100, 4), seu surgimento e suas estruturas. Busca-se também, a partir do Plano Missionário Nacional da CNBB, destacar as ações missionárias apontadas pela entrevistada e ressaltar a convergência das ações.

As estruturas e ações missionárias da Igreja na realidade local

Objetivando compreender como se articulam os espaços e as ações missionárias de forma prática, este material tem início com a apresentação da estrutura missionária existente na Província Eclesiástica de Campinas, com ênfase na estrutura missionária da Diocese de Limeira. Para esse levantamento foi entrevistada a Coordenadora do Conselho Missionário da Sub-região Campinas, Elisângela Rodrigues da Silva, leiga atuante na Paróquia Santa Eulália da cidade de Limeira, Diocese de Limeira.

Elisângela Rodrigues da Silva, formada em Letras (Licenciatura), pós-graduada em Psicopedagogia e atualmente cursando Neuropsicopedagogia, iniciou sua experiência junto aos grupos missionários da Infância e Adolescência Missionária (IAM), tendo começado como assessora e vindo posteriormente a assumir a coordenação diocesana da IAM, função na qual permaneceu por sete anos. Por sua atuação, foi convidada a participar do curso de coordenação dos Conselhos Missionários Diocesanos (COMIDI) no Centro de Cultura Missionária (CCM), em Brasília. Sempre ativa junto às ações missionárias, Elisângela foi nomeada coordenadora do COMIDI de Limeira, função a que exerceu por seis anos.

Em 2020, Elisângela foi eleita para atuar na coordenação do Conselho Missionário da Província Eclesiástica de Campinas, função que, juntamente com os demais membros do conselho, exercerá até o final de 2023. Tendo em vista seu histórico e propriedade frente às questões missionárias locais, foram realizadas as seguintes perguntas:

Pergunta: Como estão estruturados os conselhos missionários do Regional Sul 1 da CNBB?

Elisângela: O Regional Sul 1 se divide em oito sub-regiões, entre elas a sub-região Campinas abrange as dioceses de Limeira, Bragança Paulista, Amparo, São Carlos, Piracicaba e a Arquidiocese de Campinas. Cada sub-região tem uma equipe de coordenadores (composta por seis pessoas disponíveis para o Reino e apaixonados pela missão), para que a articulação missionária chegue em todas as paróquias e comunidades de base.

Os trabalhos missionários são alinhados com a CNBB e as Pontifícias Obras Missionárias (POM). A sub-região Campinas articula os trabalhos missionários juntamente com os seguintes conselhos missionários: Infância e Adolescência Missionária (IAM); Conselho Missionário de Seminaristas (Comise); Conselho Missionário Paroquial (Comipa) e Juventude Missionária (JM). Os Comidis da sub-região Campinas estão em funcionamento. A coordenação das dioceses de São Carlos e Piracicaba estão em reestruturação, porém ambas têm atividades em andamento e estão presentes nas ações da província. A Diocese de Amparo está em processo de rearticulação com a sub-região. Cada uma das dioceses desenvolve suas atividades de acordo com suas realidades, e, de maneira conjunta, destacam-se três atividades: encontros e reuniões missionárias – a cada dois meses, de maneira itinerante, ocorre a reunião da sub-região Campinas. Essa atividade intercala em seus encontros uma reunião de orientações e discussão da coordenação com um encontro formativo voltado aos Documentos da Igreja, eixos missionários ou demais questões pertinentes à realidade da província ou da diocese que acolhe a atividade; Escola de Missiologia – iniciada em 2015, depois de um tempo de reflexão e estudo, teve início, na sub-região Pastoral Campinas, a Escola de Missiologia. Trata-se de um curso de formação missionária para membros dos COMIDIS e para agentes de pastoral que já atuam ou desejam atuar nas paróquias e dioceses e que visa a animação missionária nas realidades diocesanas e, assim, responder à vocação própria de cada batizado, discípulo missionário de Jesus Cristo.

A Escola acolhe também o apelo incessante do Papa Francisco de uma “Igreja em saída”, empenhada em percorrer os caminhos rumo às “periferias” da humanidade, dentro e fora dos limites da própria diocese, até os confins do mundo. A Escola Missionária prevê um encontro mensal e cada um deles conta com um assessor, que se dispõe a trabalhar em uma das áreas missionárias, sendo elas: Fundamentos bíblicos da missão; Fundamentos teológicos da missão; Antropologia da missão; Pedagogia e metodologia da missão; Espiritualidade da missão; A inculturação; Ecumenismo e diálogo Inter-religioso e Igreja particular e missão universal: um Projeto missionário. Esse projeto é itinerante na província e já percorreu todas as dioceses do sub-Campinas. Ele conta com o apoio das seis dioceses da província de Campinas e com a tutela direta dos bispos delas, que buscam, dentro de cada realidade, incentivar e prover a participação de seus agentes pastorais.

Quanto à Diocese de Limeira, de maneira específica, ela possui um COMIDI estruturado e ativo, com ações concretas na Diocese. Entre elas podem ser destacadas:

Formações missionárias – essa atividade é uma das mais frutuosas da coordenação e consiste em encontros forânicas (a diocese se divide territorialmente em cinco forânicas/setores para melhor fluidez das atividades) que buscam reunir as mais diversas ações pastorais a fim de apresentar os fundamentos da missão e as ações concretas da Diocese. Busca-se esclarecer a todos que a missão não é uma escolha particular, mais um princípio evangélico e uma ação de todo batizado; afinal, não se trata de participar de uma atividade missionária porque o padre pede ou porque é o mês missionário, mas sim de se abrir ao chamado do próprio Cristo, de anunciar a boa nova e ir ao encontro dos irmãos e irmãs distantes de seu amor.

Espiritualidades missionárias – conduzida pelo assessor eclesial diocesano, hoje função exercida pelo Padre Aires Kleber dos Santos (atualmente assessor da Diocese de Limeira e da Província Eclesiástica de Campinas). Essa atividade ocorre anualmente e é um momento de

oração, adoração e revisão de vida, onde os participantes rezam as linhas pastorais missionárias da diocese. Eles se voltam ao valor do ser missionário – como é possível ser missionário, levar esse princípio, ser consciente desse encontro com Cristo e dessa ação por Cristo.

Retiro missionário – essa iniciativa da diocese de Limeira é hoje também uma atividade da sub-região Campinas. É um momento de abastecimento, de revigorar as forças nesse encontro com o Senhor, que os envia à missão. Nesse retiro os participantes, iluminados por experiências missionárias, são interpelados por reflexões sobre a missão e o ser missionário, o silêncio missionário, a importância da escuta à luz das Sagradas Escrituras. Frente a todo um serviço doado, esse é um momento de receber e encontrar-se com as graças do Senhor.

Na concretude de tantas ações em prol da construção do Reino de Deus, a Diocese de Limeira conta com as seguintes ações missionárias, vinculadas ao COMIDI:

COMIPA – tem maior presença na cidade de Limeira. Não está ativo em todas as cidades da Diocese, mas o coordenador diocesano busca articulações com os párocos e demais pastorais na tentativa de promover a nucleação desses nas cinco foranias.

IAM – Grupo mais ativo na diocese, tem como assessor diocesano o Padre Isaías Daniel, reitor do Seminário Diocesano de Limeira. Sua coordenação desenvolve diversas atividades na diocese, buscando propagar a ação junto às crianças e aos adolescentes.

COMISE – Grupo de ação e participação positiva da Diocese, com ações missionárias anuais e presença ativa junto ao COMIDI. Destaca-se também a satisfatória participação provincial dos Comises da sub-região nas atividades missionárias do Regional SUL 1.

Pergunta - Dentro das realidades comunitárias e das paróquias, como são desenvolvidos os trabalhos missionários?

Elisangela: Os trabalhos missionários são desenvolvidos sempre em sintonia com o pároco da paróquia, sendo ele o primeiro animador missionário, e com os leigos sensíveis à missão e à missão da Igreja. Entre as ações realizadas podem ser pontuadas satisfatoriamente as animações missionárias, que despertam em todos o profetismo e o protagonismo da missão, levando à cada um a consciência de que todos são discípulos missionários e que não há pastoral melhor ou maior, mas que todos fazem parte de um único leque que é a missão de Jesus Cristo.

Essa ação missionária realizada nas paróquias acontece desde 2017, promovida pelo Comidi e pela Congregação Missionária Maria-Xaveriana, através da Ir. Elizabeth Miguel Espinhara, e consiste em uma semana de atividades durante a qual a paróquia que acolhe a ação recebe um grupo de missionários (aproximadamente 50 pessoas), que divulgam a programação que acontecerá no final de semana, através de visitas às escolas e aos espaços paroquiais, buscando envolver todas as faixas pastorais com o objetivo de mostrar que todos são discípulos missionários. No sábado são realizados os encontros na comunidade, escola ou mesmo em uma rua interditada do bairro, e acontece a “Rua da Alegria”, onde são desenvolvidas diversas atividades recreativas, brincadeiras, momentos lúdicos e ações sociais com parceiros, além de oficinas diversas.

Em paralelo, o grupo de missionários realiza visitas às famílias da comunidade, aos enfermos e afastados, buscando atingir a maior porção possível daqueles que residem naquele território paroquial. No final do dia é feito um momento de partilhas, durante o qual os participantes relatam suas vivências. À noite todos os missionários, junto à comunidade, se reúnem para a

oração do terço missionário, encerrando as atividades daquele dia. No domingo pela manhã é realizada uma caminhada da paz, estruturada com cinco paradas, representando os cinco continentes com suas cores, e apresentação cultural com teatros, poemas e músicas voltadas à paz. Essa caminhada, iniciada em local estratégico da paróquia, termina na Igreja da comunidade, e essa ação missionária é encerrada com a missa.

Também são realizadas formações, momentos de espiritualidade missionária e encontros missionários com o objetivo de sempre levar a boa-nova de forma que as atividades promovidas na coordenação possam atingir também as comunidades missionárias eclesiais.

Pergunta - Quais os maiores desafios enfrentados nas ações missionárias da Diocese de Limeira? Como é vista a questão da inculturação, ou a realidade de outras etnias nas ações locais?

Elisangela: Um dos maiores desafios enfrentados pela Igreja é o comprometimento com o Reino; assumir verdadeiramente o batismo, ter clareza de que todos são apenas instrumentos do Reino e que a missão não é deles, mas é dAquele que os enviou, pois, se tiverem clareza daquilo que são, com certeza desempenharão os trabalhos missionários com muito mais leveza e ardor.

É necessário querer fazer. Entende-se que há muita coisa a ser feita, mas deve-se partir do querer fazer, escolher fazer parte desse Reino, dessa ação, dessa evangelização. A entrevistada diz ver isso em sua ação enquanto catequista e coordenadora da catequese do Crisma, fala sempre em parar por estar cansada, mas sabe que precisa escolher fazer, apaixonar-se pelo serviço em prol da missão para a qual o próprio Cristo chama.

Das ações concretas, o maior desafio está na escuta. Durante as visitas, todos que se colocam à disposição da missão se preparam para uma ação ou visita específica, mas o grande desafio está no sentir, ouvir o que é encontrado, entender que o mistério da missão se dá na vivência particular, no ir ao encontro dos irmãos de coração aberto.

Sente que muitas vezes falta clareza do que é ser missionário; que não se trata apenas de uma questão pessoal, mas de entender que esse serviço, essa doação, é o princípio evangélico do batizado. Acredita que buscar parceria com outros grupos, movimentos e pastorais seria importante. A pastoral vocacional seria uma ponte de grande valia nessa caminhada, pois seria possível trabalhar e desenvolver o ardor missionário desde o princípio da caminhada, despertando esse anúncio profético naqueles que buscam discernir sua vocação junto à Igreja.

Na realidade de inculturação, frente aos migrantes, indígenas ou demais realidades, não existe um trabalho direto, talvez por falta de informação. O que é desenvolvido vem dos documentos e informes da CNBB e das POM. Existem ações pontuais que buscam lidar com dificuldades, necessidades e carências com as quais os conselhos missionários se deparam em suas atividades, mas nada muito específico. O que se pode destacar de ação mais direta se encontra nas formações da IAM, onde são trabalhadas as realidades dos continentes, conhecendo e respeitando as diversas culturas, de maneira formativa e recreativa, de forma que se possa pensar localmente e agir mundialmente.

A missão da Igreja e a perspectiva decolonial

Com base na estrutura apresentada pela entrevistada, buscar-se-á compreender a importância da missão para a vida da Igreja e para a sociedade. Dessa forma, serão apresentados,

a partir do magistério da Igreja e do conceito de decolonialidade, a aplicabilidade e o sentido desse termo tão caro à evangelização e ao desenvolvimento social. Vale ressaltar que, conforme o Dicionário de Teologia, o termo “missão” é apresentado como:

[...] um termo derivado de *apostello*, que significa enviar, em latim *mittere*, do latim, do qual procede o substantivo *missio*. Porém, o verbo enviar abrange duas coisas: o ato de enviar e o conteúdo do envio ou, se se preferir, a relação entre o que envia e o enviado [...]. A missão é, pois, um envio da Igreja para o mundo, o missionário, um enviado ou apóstolo. O apostolado é, pois, envio, missão, delegação ou embaixada (TAMAYO, 2009, p.364).

Dessa forma, ser missionário é assumir o compromisso de ir em nome dAquele e por Aquele que o envia, demonstrando a relação existente entre o enviado e o que envia na garantia de que o anúncio seja pleno, favorável e profético.

A missão segundo a Igreja

Acolhedora do mandato realizado pelo próprio Jesus Cristo de “ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15), a Igreja, sacramento universal da salvação e fiel às palavras do Salvador, não cessa de bem realizar esse assíduo processo evangelizador de transmitir a boa-nova a todos os povos e propagar o Reino a todas as nações. Por essa ordem, o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), atento às disposições já oferecidas pela história, atualizou o sentido prático da atividade missionária realizada por Cristo na missão e no comprometimento dos cristãos leigos e leigas através do seu testemunho concreto.

Através do Decreto *Ad Gentes* (AG) sobre a atividade missionária da Igreja, promulgado em 07 de dezembro de 1965, evidenciou-se de modo muito claro a razão última de a Igreja ser notoriamente missionária: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo” (AG 2). A missionariedade da Igreja detém, em sua fundamentação, um alicerce estritamente trinitário; isto é, do íntimo de Deus. Nas palavras do missiólogo Padre João Panazzolo (1935-2019), essa fundamentação trinitária que origina a atividade eclesial missionária reverbera na imagem do Espírito Santo, que “é o sopro que sai das entranhas do Ressuscitado, pois nele, enviado do Pai, está presente o Espírito Divino. A Trindade está envolvida na missão e constitui o verdadeiro fundamento da natureza missionária da Igreja” (PANAZZOLO, 2019).

A Igreja, que conforme o decreto conciliar é “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14), animada pelo espírito missionário, realiza o cumprimento do plano de Deus na história; plano de libertação e salvação a todos os homens, por intermédio de Jesus Cristo, congregando todos num só povo, de modo que “a Igreja toda é missionária e a obra de evangelização é o dever fundamental do povo de Deus” (AG 35). Já disse São João Paulo II (1990), em sua encíclica *Redemptoris missio* (RM 1) de 1990:

O Concílio Vaticano II pretendeu renovar a vida e a atividade da Igreja, de acordo com as necessidades do mundo contemporâneo:

assim sublinhou o seu carácter missionário, fundamentando-o dinamicamente na própria missão trinitária. O impulso missionário pertence, pois, à natureza íntima da vida cristã, e inspira também o ecumenismo: ‘que todos sejam um [...] para que o mundo creia que Tu Me enviaste’ (Jo 17,21) (RM 1).

Com o espírito do Concílio Vaticano II e em continuidade às Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM): Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992), tem-se o Documento de Aparecida (DAp, 2007), fruto da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, que impulsiona toda a Igreja, povo de Deus, a ser “discípulos e missionários de Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que nossos povos tenham vida Nele” (DAp 1).

O DAp conclama a Igreja latino-americana e caribenha a um “estado permanente de Missão”; não apenas voltada para si mesma numa missão *ad intra*, mas encarnada no mundo, a partir da realidade histórica, no seu *locus* fundamental, permeando, assim, a missão *ad extra*. A Igreja não anuncia a si mesma, mas a Jesus Cristo a partir do encontro pessoal e na opção preferencial pelos pobres, fazendo ressoar o apelo do Senhor e na construção do Reino, colhendo os frutos do passado e lançando novas sementes do Evangelho.

A missão da Igreja neste continente, marcada por lutas, vitórias e momentos desafiadores de outrora, surge como um grito de libertação dos esquemas de opressão e de morte que assolam as sociedades. A Igreja é um luzeiro em meio às sombras da corrupção, da desigualdade e das injustiças, despontando, assim, pelo exemplo de vida de muitos de seus filhos e filhas que se doaram sem reservas para que essas situações fossem transformadas. Dessa maneira, a partir do *locus* onde os membros da Igreja estão inseridos, o mandato missionário não se torna opcional, mas intrínseco à vida eclesial como incumbência do próprio Senhor, sendo essa parte integrante da vida cristã e essencial aos agentes de transformação pastoral.

Para isso, o discípulo-missionário é aquele que, atento às vozes que surgem no seu tempo - como os que aqui aportaram fizeram outrora - valoriza as “sementes do verbo” (AG 11), presentes nas mais diversas manifestações religiosas e culturais desses povos, a fim de que o Evangelho seja cada vez mais vivo e presente, a partir do encontro pessoal com o Senhor. “Neste encontro com o Cristo, queremos expressar a alegria de sermos discípulos do Senhor e de termos sido enviados com o tesouro do Evangelho” (DAp 28).

Não diferente, a Igreja no Brasil responde a esse chamado à missão com diversas frentes - entre elas, o documento 100 da CNBB –, comunidades de comunidade (Doc 100). Esse documento, busca valorar as ações locais dos trabalhos de base da Igreja, tendo como ponto forte a expressão “comunidade de comunidades” (Doc 100, 6), que busca dar uma compreensão mais ampla e descentralizada da paróquia, propiciando um novo sentido ao modo de viver a fé (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2014). A Igreja convida os leigos e leigas para uma participação ativa em suas próprias comunidades locais, permitindo que eles tenham uma responsabilidade maior e se envolvam na vida da Igreja. “É o olhar do discípulo missionário que se nutre da luz e da força do Espírito Santo” (EG 50), assim afirma o Papa Francisco (2013) em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, documento que abre seu pontificado.

O desafio paroquial apresentado pelo Documento 100 é vencer a mesmice das ações, sendo ousado e criativo na missão, desinstalando-se e indo ao encontro dos irmãos e das irmãs (Doc 100, 8). Para a missão, é necessário sempre uma revitalização permanente no Espírito Santo, pois a identidade missionária vem do próprio Espírito, que sempre renova a Igreja. As paróquias estão sendo desafiadas diante das rápidas mudanças do mundo: é necessário ter coragem e enxergar os limites das atuais práticas, agindo de forma inovadora para que a vivência missionária possa melhor promover uma ação querigmática.

De forma mais atual, as DGAE 2019-2023 apontam para a dimensão missionária como algo intrinsecamente vinculado à comunidade, entendida como casa. Ao compreender a ação evangelizadora da Igreja como uma casa, a comunidade de fé assume a sua própria realidade comunitária como um lugar para o cultivo e a vivência dos valores do Reino, respondendo ao chamado do Senhor na comunhão e na missão (DGAE, 74 e 75).

Ao apresentar essa chamada “comunidade de comunidades”, resgata-se a compreensão do Documento 100, no qual se concebe a configuração dessas comunidades como Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Missão. As diretrizes deixam bem claro que, embora haja quatro pilares, a missão constitui o eixo fundamental das comunidades (DGAE, 83). Portanto, o documento aponta a missão como algo essencial da vivência na comunidade cristã compreendida como casa.

O pilar fundamental da ação missionária apresenta as comunidades de fé em estado permanente de missão, partindo da consolidação de uma mentalidade missionária, por meio de um envolvimento com a vida diária e seus desafios que perpassam a vida da comunidade (DGAE, 186). Através do protagonismo de cada leigo e leiga, se deve conduzir as pessoas primeiramente, pelo diálogo e, posteriormente, pela apresentação da Palavra. O documento, portanto, apresenta a Igreja que, vivida em comunidades configuradas como casa, atenta-se aos sinais que lhe circundam, principalmente dos desafios da realidade urbana, anunciando o Evangelho a partir de seu estado permanente de missão.

A perspectiva decolonial em uma realidade missionária

Frente ao conceito de decolonização, entre os inumeráveis fatores que levam à reflexão sobre o eixo da dimensão missionária nos tempos atuais, uma nova perspectiva é gerada em contraposto a uma herança colonial na qual o exercício da atividade missionária, perpetuou na conjuntura histórica da civilização cristã. No entanto, para se concatenar todo o desenvolvimento que estrutura esse novo *modus operandi* de pensar e refletir no âmbito missionário contemporâneo, se revela necessário uma breve explanação no que tange à própria perspectiva colonial (vertente combatida pela decolonização), que se mostra um fenômeno muito mais complexo:

Refere-se a um padrão de poder que opera por meio da naturalização de hierarquias territoriais, raciais, culturais e epistêmicas, possibilitando a reprodução de realizações de dominação; este padrão de poder não só garante a exploração pelo capital de alguns seres humanos por outros em escala mundial, mas também a subalternização e obliteração do conhecimento, experiências

e formas de vida daqueles que são dominados e explorados (RESTREPO; ROJAS, 2010, p. 15 *apud* RASCHIETTI, 2022a, p. 115).

A herança colonial é ilustrada no olhar do diferente que não agrega, mas que domina e oprime. As disparidades, embora possam conceber a expectativa pelo novo, o diferenciado, a possibilidade de agregação, também se revelam como um risco para a opressão e a dominação. “A decolonialidade configura um processo que busca transcender historicamente a colonialidade com o intento de subverter o poder colonial atual que domina o mundo, mesmo o colonialismo tendo sido extinto como evento histórico” (RASCHIETTI, 2022a, p. 111). É devido a apontamentos que, a partir da década de 1990, grandes pesquisadores sociais, filósofos, entre outros, levantaram a tematização dessa forma de observar a descolonização versus a decolonialidade, destacando a importância de emancipação não só política, mas cultural, racial e histórica.

[...]a decolonialidade configura um movimento de transcendência histórica que tende a resgatar e devolver dignidade aos conhecimentos negados, por meio de projetos éticos e políticos que podem tornar visível a multiplicidade de saberes, os modos de ser e as aspirações dos povos: uma pluriversalidade ao invés de uma universalidade” (RASCHIETTI, 2022b, p.515).

“O pensamento decolonial centraliza sua indagação nas relações assimétricas que a noção de colonialidade reflete, nos desdobramentos das dimensões do poder, do saber e do ser” (RASCHIETTI, 2022a). Essas dimensões, que melhor compreendem a herança colonial orquestrada no cenário da missionariedade, estão interligadas pela força do poder, como ferramenta primordial para a colonização, implicando no saber (em sua dimensão epistêmica) e no ser (em sua dimensão ontológica). Dessa forma, o “decolonial denota, então, um caminho de luta contínua em que podemos identificar, tornar visíveis e favorecer ‘lugares’ de exterioridade e construções alternativas” (WALSH, 2009, p. 14-15 *apud* RASCHIETTI, 2022a, p. 111)

Não obstante, a decolonização, à luz de uma concepção teologicamente missiológica, conduz a Igreja, a repensar o próprio exercício da teologia que possa vir a colaborar com a estruturação da missão, tornando-se um local para a reflexão, dado que a missiologia, enquanto ciência que estuda os fundamentos teológicos essenciais da missionariedade, foi, no transcorrer da história, fortemente prejudicada por toda essa herança colonial. A “Teologia da Missão”, posta como a centralidade para a reflexão teológica frente ao *té/os* eclesial, recaiu num fracasso perante o cenário de cristandade no século XX em virtude de um “discurso autorreferencial, que ofereceu à missão ultramarina uma razão colonial, uma verdade universal, única e absoluta, confeccionada na medida certa para não dialogar com o mundo real fora de sua cosmovisão” (RASCHIETTI, 2022a).

Conseqüentemente, a herança colonial foi tomando o espaço identitário da missão na Igreja, que é, “por sua natureza, missionária” (AG 2), concebendo um processo norteador de evangelização que se pautava no ardor desmedido, conjunto a um método engessado que tinha por finalidade expressar o anúncio, e não a possibilidade de vivenciá-lo. “Não era mais a missão que obrigava a teologia a pensar, e sim a teologia que obrigava a missão a aplicar seus propósitos” (RASCHIETTI, 2022a). Em outras palavras, o anúncio da boa-nova se tornou estritamente teológico, e não mais abertamente experiencial.

A missão cristã moderna, assim como designamos o imaginário missionário até os nossos dias, surge somente no século XVI como braço espiritual do colonialismo histórico, estreitamente vinculado ao movimento europeu de invasão, apropriação e depredação dos territórios do Novo Mundo e de suas populações (RASCHIETTI, 2022b, p.518).

Nessa conjuntura, a perspectiva decolonial frente à missão suscita um resgate histórico vinculado à essência missiológica. O alvorecer do Concílio Vaticano II, em seu decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja, já abre um novo horizonte: “Este desígnio brota do ‘amor fontal’, isto é, da caridade de Deus Pai, que, [...] quis derramar e não cessa de derramar ainda a bondade divina, [...] e depois chamando-nos gratuitamente a partilhar da sua própria vida e glória” (AG 2). Deus vai se desvelando, revelando a sua própria vida e seu amor sem medidas que alcança a todos, sem exceções. Esse eixo decolonizador, em combate à colonialidade, nasce desse alcance, que, no entanto, apenas é permitido por um desprendimento que intenciona uma abertura, visto que o horizonte decolonial não mais se coloca numa posição de poder, mas no lugar de reaprender.

‘a Igreja está a serviço do Reino’ e ‘a realidade incipiente do Reino se pode encontrar também fora dos confins da Igreja’ (RMi, n. 20). Nessa relação subsidiária e teleológica entre Igreja e Reino, o axioma patrístico ‘fora da Igreja não há salvação’, poderia assumir o sentido de ‘fora da perspectiva e dos valores do Reino não há salvação’, adquirindo assim também uma relevância de respiro mais amplo (RASCHIETTI, 2022b, p.521).

Com esse olhar de Raschietti, é possível buscar na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG) (DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II, 2017) a relação entre Reino de Deus e Igreja, sendo a Igreja o “Reino de Cristo já presente em mistério, [que] cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus” (LG 3), “recebe a missão de anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus em todos os povos e constitui o germe e o princípio deste mesmo Reino na terra” (LG 5).

Missão: uma luz para os povos

Notou-se que Elisangela Rodrigues da Silva, ao apresentar as ações de missiologia presentes nas estruturas sub-regionais e diocesanas, destaca a importância e o valor da espiritualidade na caminhada missionária. A partir dos apontamentos dela, busca-se contemplar a missão à luz do próprio Deus, reconhecendo sua ação salvífica entre aqueles que acolhem seu chamado. Neste tópico será observada a presença trinitária de Deus na história e, em particular, no projeto soteriológico. A presença e a ação da Santíssima Trindade apresentam, enviam e acompanham cada missionário na missão de sair pelo mundo anunciando a boa-nova a toda criatura (Mc 16, 15).

É importante observar os elementos missionários presentes nas Sagradas Escrituras, que apontam os ensinamentos de Jesus, a forma como Ele proclama, envia, e se alegra com aqueles que aceitam o chamado para evangelizar. Abre-se a perspectiva de encontrar a decolonialidade presente na missão e nas Sagradas Escrituras, de forma a apontar os frutos de uma missiologia que se volta à contemplação da realidade de cada criatura a partir de sua própria condição e cultura.

A missão que brota da trindade

Da própria Trindade, perfeita comunhão, nasce a missão de cada pessoa divina, a partir da intrínseca unidade pericorética – “[...] pericorese significa conter um ao outro, inabitar (morar um no outro), estar um no outro” (BOFF, 1999, p. 171) – da própria substância divina. Desse movimento de perfeita comunhão brota a missão evangelizadora da Igreja, participando da mesma missão divina, que se faz presente em cada época da história buscando ser sinal dessa comunhão na própria realidade do homem e do mundo.

O desejo de Deus é o plano salvífico; ou seja, que todos se salvem, e, para isso, o próprio Deus se revela com esse intuito: “Por excessiva misericórdia e bondade Sua, criou-nos livremente e, além disso, chamou-nos gratuitamente à comunhão de sua vida e de sua glória. Generosamente difundiu a divina bondade e não cessa de difundir-la” (AG 2). A iniciativa de tornar os seres humanos partícipes da vida divina é do próprio Deus, revelando-se a eles, sobretudo na missão do Filho e do Espírito: “Deus determinou entrar na história humana de modo novo e definitivo. Para isso, enviou o Filho em nossa carne” (AG 3).

A partir do grande mistério de amor da Trindade, Deus envia seu próprio Filho para salvar a todos. Deus deseja difundir sua bondade, que se dá diretamente por Jesus Cristo. Essa missão *ad extra* é a comunhão e a comunicação de Deus Pai na Trindade: “Esta é a comunhão e a comunicação de Deus na Trindade, a missão *ad extra*, o dom precioso à humanidade. É a efusão do amor que vem comunicado e vivido na Trindade. Da comunhão nasce a missão” (PANAZZOLO, 2019, p. 35).

Luis Francisco Ladaria (2015), em sua obra *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*, afirma que a revelação do mistério de Deus acontece unicamente em Jesus, e que, a partir dEle, o cristão tem acesso ao mistério da Trindade. Sendo assim, a missão que Jesus desempenha é a de levar todos os seres humanos ao conhecimento da vida divina. Ladaria prossegue afirmando que essa revelação do próprio Deus em Jesus é a revelação da verdade salvífica. Portanto, a missão de Cristo é uma missão salvífica integral, que revela o anseio da Trindade.

O Concílio Vaticano II afirma, a partir da Constituição *Lumen Gentium* e do Decreto *Ad Gentes*, que a missão da Igreja é a mesma de Jesus, originada na Trindade e que se perpetua através da ação do Espírito de Deus. Sendo assim, a missão da Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, é uma missão salvífica, que atua na integralidade dos seres humanos mostrando-lhes o caminho da salvação e da comunhão entre si na pericórese da Trindade.

Jesus transmite aos apóstolos, aos discípulos e às discípulas a missão recebida do Pai. Eles também são chamados, santificados, revestidos de uma missão e enviados, como dito em João (20, 21-22): “Como o Pai me enviou também eu vos envio. Então soprou sobre eles e falou: ‘Recebei o Espírito Santo’” (PANAZZOLO, 2019, p. 41). A Igreja nascente recebe a missão do próprio Jesus. Com a mesma finalidade que o Pai enviou Jesus, assim também Jesus envia os seus para anunciar a salvação.

Todos os batizados na Trindade - os membros da Igreja, as discípulas e os discípulos - recebem a mesma missão de Jesus e são por Ele enviados. Para isso, advém sobre a Igreja o Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho - ou seja, através da comunhão da Trindade para conduzir a Igreja na missão de Jesus. O Espírito Santo é o mestre interior que permanece para sempre e em

todos os momentos, na alegria e na perseguição (Jo 14,16-26), levando os seguidores de Jesus a proclamarem a confissão trinitária: “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus (Pai) e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós!” (2 Cor 13,13). O envio do Espírito Santo é a revelação do mistério trinitário: da vida, da maravilhosa alegria de viver (PANAZZOLO, 2019).

Guiadas pelo Espírito, as comunidades cristãs devem ser comunicadoras de tão grande mistério de comunhão. As comunidades de comunhão, como o próprio nome sugere, devem ser reflexo da comunhão trinitária no seio da sociedade e do mundo. Também, em sua essência evangelizadora, devem ser promotoras e continuadoras do projeto de Deus, revelado plenamente em Jesus: a salvação de todos. As comunidades cristãs, a exemplo da comunidade trinitária, devem ser verdadeiras casas de comunhão, que não se contém em si mesmas, mas que necessitam manifestar-se ao mundo.

O Mandato Evangélico Missionário.

“Como o Pai me enviou, também eu vos envio. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: ‘Recebei o Espírito Santo’” (Jo 20,21-22). O envio da Igreja corresponde ao envio do Pai ao Filho. Portanto, o mandato do Senhor à comunidade cristã é para que também ela seja portadora da salvação, dando continuidade ao projeto de Deus. O mandato de Jesus também corresponde a uma missão universal: “E disse-lhes: ‘Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura’ (Mc 16,15); ‘Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo’ (Mt 28,19).

O projeto divino corresponde a um plano universal de salvação. A Igreja, sendo portadora dessa salvação, deve chegar a todos - por isso a proposta evangelizadora das diretrizes gerais aponta para uma proximidade da realidade como um todo a partir das pequenas comunidades. Cada comunidade, inserida em sua realidade própria, deve proclamar a mensagem de salvação a todos, sem exceção, cumprindo a vocação para a qual foi enviada pelo próprio Cristo: “Nesse espírito de fidelidade a Cristo, Salvador de todos, a Igreja procurou sempre responder a esta nobilíssima vocação de ser portadora da Boa-Nova e ser sacramento universal da salvação (LG 48)” (PANAZZOLO, 2019, p. 18).

No Evangelho de Lucas, Jesus apresenta o itinerário missionário, escolhendo 72 discípulos para irem à frente dEle levando a boa-nova (Lc 10, 1-24). “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Por isso, peçam ao dono da colheita que mande trabalhadores para a colheita” (10,2). É necessário converter pelo anúncio e testemunho. Assim apresenta o Senhor: “Em qualquer casa onde entrarem, digam primeiro: ‘A paz esteja nesta casa!’... Quando entrarem numa cidade, e forem bem recebidos, comam o que servirem a vocês, curem os doentes que nela houver, e digam ao povo: ‘O Reino de Deus está próximo de vós!’” (Lc 10,5.8-9).

É nesse propósito e na certeza de que o próprio Cristo os envia e segue com eles que esses discípulos partem em busca de cumprir a missão a eles designada. Ao retornarem, em festa, se rejubilam no Senhor, dizendo: “Senhor, até os demônios obedecem a nós por causa do teu nome”. Feliz, Jesus lhes diz: “não se alegrem porque os maus espíritos obedecem a vocês; antes, fiquem alegres porque os nomes de vocês estão escritos no céu”. Eis o real motivo da alegria: é na ação, ao aceitar o chamado e se colocar a caminho, acolhendo, anunciado e apresentando a

salvação, que se constrói o Reino. Essa alegria não é apenas dos que se colocaram a caminho, mas atinge a todos que os circundam, inclusive ao Senhor: “Nesta hora, Jesus se alegrou no Espírito Santo, e disse: ‘Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos’” (Lc 10,21).

“A missão da Igreja nasce da missão do próprio Cristo, por isso que Ele mesmo é quem a envia, soprando sobre a Igreja o Espírito Santo. A imagem do Espírito é o sopro que sai das entranhas do Ressuscitado, pois nEle, enviado do Pai, está presente o Espírito Santo” (PANAZZOLO, 2019, p. 34). O Espírito que a Igreja recebe após o envio faz com que a comunidade cristã seja sempre fiel ao mandato missionário do Ressuscitado, de forma que, pela oração e pela imposição de mãos de seus representantes, como em uma outra vez os discípulos o fizeram, esses “recebiam estes o Espírito Santo” (At 8,17).

Decolonização à luz das Sagradas Escrituras

“A ação missionária é a epifania do plano de Deus e sua realização no mundo e na história. Em Cristo acontece o retorno ao amor fontal em toda a plenitude (AG 9). A Trindade é a fonte e a causa da missão” (PANAZZOLO, 2019). É nesse profundo encontro relacional de intimidade entre as pessoas divinas que o resgate trinitário, à luz do Concílio Vaticano II, ressalta a importância de uma nova perspectiva decolonizadora frente ao espírito missionário, visto que Deus alcança a todos, faz jus a que Seu projeto de libertação e salvação abarque todos os horizontes que se revelam numa índole de abertura ao convite da boa-nova, de modo que esse projeto de libertação-salvação, será o cerne fundamental de toda a vida e pregação de Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus, que sempre se colocou ao lado dos pobres, das viúvas, dos órfãos, dos doentes e marginalizados do seu tempo. Essa ação messiânica de Jesus vem de encontro com o outro na sua particularidade, sempre respeitando a aquilo que a pessoa é, e não como ela está situada na sociedade - como no caso dos pobres. Jesus, como se vê nos Evangelhos, nunca impôs nada; sempre propôs, convidou e chamou a todos para à uma vida nova, baseada no amor, na fraternidade e na adesão ao projeto do Reino.

Esse será sempre o *locus* de Jesus, “que passou a vida fazendo o bem” (At 10,38) e deu como mandato aos seus apóstolos que fizessem o mesmo que Ele fez para que o Reino se estendesse a todos, de modo que cada pessoa fosse conduzida a ele na sua singularidade e na adesão inerente a esse mesmo projeto de amor, tornando-se, assim, um eixo fundamental que deverá ser o norte de toda a ação evangelizadora dos discípulos e discípulas vindouros de Jesus.

Esse mandato de Jesus (o “ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15)) será esse eixo decolonizador, nascente dessa vida *intra* divina e mandatária no seguimento cristão, que encontra luz na revelação manifestada nas Sagradas Escrituras como base para a compreensão da missão do homem, responsável pela obra da Criação e enviado por protagonismo do Espírito para anunciar a missão. Uma vez que a obra da Criação, reflexo primordial dessa vida intratrinitária, se completa na liberdade de acolhimento do homem, instaura-se a colossal missão de Deus confiada à humanidade: “*lahweh* Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2,15). De fato, uma perspectiva decolonizadora que alcance um sentido autêntico para a missionariedade advém da vocação primeira do ser

missionário: “[...] Todo ser humano aflora como resposta ao amor do Pai que se manifesta na sua criação, e que chama a participar de sua vida e de Sua missão criadora” (RASCHIETTI, 2022a).

No entanto, desde sempre na história da salvação, age a ação incomensurável do Divino Espírito. No convite conciliar da *Ad Gentes*, a origem da Igreja se revela também na *missio Spiritus*, que imprime nesse eixo decolonizador uma profunda característica de gratuidade na missão evangelizadora, pois o Espírito Santo aponta para todos, sem exceção, no transcorrer revelador da obra de salvação. É ele “que enche o universo, [...] que mantém unidas todas as coisas, não ignora nenhum som” (Sb 1,7) e guia o povo eleito de Israel em seu itinerário de libertação – conduzindo até, inclusive, a plenitude dos tempos em que “[...] virá sobre ti e o poder do Altíssimo [...] te cobrirá com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus” (Lc 1,35) e na glorificação “por sua ressurreição dos mortos, segundo o espírito de santidade” (Rm 1,4).

A missão embasada na perspectiva do Espírito Santo “[...] é pura gratuidade divina, livremente e universalmente derramada, que ‘aponta para a possibilidade de um mundo novo’, aberta a todos, contra toda forma de violência e toda pretensão de domínio” (RASCHIETTI, 2022a). Como é assiduamente evidenciado nos relatos expostos no livro de Atos dos apóstolos, que, imprimindo um autêntico caráter decolonizador, assume a enorme tarefa missionária da Igreja que sai de si mesma para além de suas comodidades e contextos socioculturais, e atinge o novo... o novo da história que sempre se renova. Assim foi o grande evento de Pentecostes, o início da grande Era Apostólica, e deveria ser o hoje da história que sofre as marcas de uma colonização de ideologias culturalmente opressoras, mas migra para uma nova perspectiva de “[...] estar, todos juntos, de comum acordo, [...] embora o povo os engrandecesse” (At 5,12).

É o Espírito que “desceu sobre todos os que ouviam a Palavra” (At 10,44), que vai assumindo o grande protagonismo decolonizador em virtude de uma nova ação dinamizadora que favoreça o surgimento de uma nova identidade: não de ruptura ou dominação, mas, estritamente, de desprendimento que leve a uma abertura para que a missão eclesial, na raiz de sua originalidade, alcance o fundamental: “Despojar a Igreja do monopólio de enviante para revesti-la da vocação de enviada” (RASCHIETTI, 2022a). Por conseguinte, a Igreja atinge a sua essência de se dispor à ação de sair de si mesma, ao se colocar a caminho, guiada pelo Espírito e se pautando no horizonte de uma abertura universal.

Uma Igreja em estado permanente de missão

Chamados a propor ações e vivenciar experiências, a entrevistada Elisangela Rodrigues da Silva apresenta diversas questões reais sobre o agir missionário. Em sua fala, destaca a dificuldade de cativar pessoas que se comprometam com a missão salvífica de Cristo, sem deixar de apontar as luzes advindas de tantas práticas missionárias, do povo que ainda luta para fazer cumprir a missão de todo cristão: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

Assim, nesta última fase deste estudo, buscar-se-á apresentar a decolonização a partir do magistério de forma que esse se mostre presente ativamente na estrutura da Igreja. Será trazida ainda uma visão sobre as Comunidades Eclesiais Missionárias, sua história e ação, que, por fim, culminam nas ações do Programa Missionário Nacional. Dessa forma, será apresentado o teórico a fim de questionar cada um dos leitores sobre a sua ação missionária real, seja ela *ad intra* ou

ad extra, na esperança de “[...] fazer nascer assembleias de fiéis que, levando uma vida digna da vocação a que foram chamados, sejam tais que possam exercer as funções a elas confiadas por Deus” (AG 15).

As ações missionárias à luz do magistério e da decolonização

Desde a aurora da Igreja nascente, alicerçada no mandato de Jesus Cristo de “ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15), a missionariedade atingiu as mais variáveis personificações da identidade missionária da Igreja, confluída por uma extensa renovação que passou pelos inúmeros contextos da sociedade global, na qual a tradição cristã sempre se mostrou inserida e com notória presença para refletir, nas mudanças de época, o anúncio da boa-nova que objetivava alcançar a todos.

Todavia, essa caminhada missionária ascendeu à devida prioridade nos frutos germinados pelo evento do Concílio Ecumênico Vaticano II, mediante o seu “espetáculo de universalidade”, como disse Paulo VI em seu “[...] discurso de abertura do segundo período (EV1 134), no qual a Igreja fez de maneira excepcional a experiência concreta de sua multiculturalidade” (RASCHIETTI, 2022a, p. 234). A Igreja, vigente na infinidade de realidades, culturas, raças, povos e línguas, é a expressão viva do rosto de Cristo, que soube se aproximar e acolher a todos, sem exceções. A Igreja reflete, em sua universalidade, os aspectos de uma multiculturalidade que ressalta a força desse envio missionário, por primeiro aos apóstolos, mas que abarca a todos que se colocam no seguimento. A natureza missionária da Igreja, enviada por Jesus pela vida intradivina da Trindade (cf. AG 2), se direciona para o protagonismo de todos os envolvidos na ação evangelizadora, convidados a integrar a “[...] consciência viva das suas responsabilidades para com o mundo, fomentem em si um espírito verdadeiramente católico, e ponham as suas forças ao serviço da obra de evangelização” (AG 36).

O decreto conciliar *Ad Gentes* é o marco da ação missionária na Igreja, salientando desde o início a missionariedade na essência eclesial da perspectiva evangelizadora, pois é Jesus quem envia, na origem de toda a Sua relação de amor e desígnio salvífico junto ao Pai e ao Espírito. A *missio Dei* (missão de Deus), proposta pelo magistério conciliar, deu luz à compreensão de que a ação missionária não é uma incumbência eclesial, mas de natureza transcendental. A missão não tem sua origem numa “sentença magisterial”, mas encontra sua fundamentação num “Deus Amor [que] era por sua essência missionária, e envolvia a Igreja em sua missionariedade” (RASCHIETTI, 2022a, p. 247).

A Igreja em missão se estende para todos, num diálogo universal. Esse era o intuito do Concílio Vaticano II: oferecer um diálogo com as mudanças epocais em tudo o que suas particularidades oferecem, como a modernidade, o progressismo, a secularização etc. Nesse cenário nasceu a *Gaudium et Spes* e a dimensão eclesial situada num mundo moderno, denotado por rápidas mudanças de mentalidade e um novo modo de se conceber a *missio Dei* em contínua transição, para sempre recordar que Deus, no mistério insondável da revelação, continua a agir na presente história da humanidade, que se modifica constantemente (GS 11). No mundo, Deus Se revela! E Sua revelação continua a ser o alicerce da ação evangelizadora que transforma a vida de todos que a recebem, que a compreendem não como “[...] algo de simplesmente externo à

Igreja, mas algo ‘dirigido’ à Igreja, de maneira que sua missão não vem liquidada, e sim assumida no diálogo e no serviço que ela pode oferecer ao mundo” (RASCHIETTI, 2022a, p. 256).

O Concílio Vaticano II se colocou em diálogo com o mundo em suas diversas realidades e culturalidades. Era necessário atualizá-lo de acordo com os cenários geográficos. Assim, o Celam, em suas cinco conferências (de 1955 a 2007), procurava resgatar, em conjunto com outros assuntos em pauta de reflexão, a questão da missionariedade na Igreja latino-americana, aberta a uma perspectiva libertadora, sancionando em Aparecida (2007) a “[...] razão missionária latino-americana com suas dimensões características de libertação integral e evangelização inculturada” (RASCHIETTI, 2022a, p. 395) em contraposição a toda a herança colonial que deixou marcas com uma conversão eclesial.

Para se pensar em uma decolonização latino-americana em perspectiva libertadora, dois eixos se interligam: o outro enquanto outro e o se desprender para se abrir (RASCHIETTI, 2022a, p. 398). O outro, em sua pluralidade de raças, povos, línguas, culturas, religiões e aspectos, está na posição de refletir o eixo que separa a novidade externa do comunal interno. A missão com o outro e para o outro não é autorreferencial! Não é superioridade, exclusivismo, opressão, mas alteridade. O outro como ele é – e, sob esse ponto de vista, o outro em seu modo de vivenciar os mistérios revelatórios de Deus em sua particularidade, abrindo-o ao transcendente. O outro tem sua identidade, seu compromisso, sua participação. O outro latino-americano, na perspectiva libertadora, é o pobre! Este vai “assumindo a “irrupção dos pobres”, optando por uma “Igreja pobre” como sinal de compromisso solidário, de comunhão e participação com os pobres (DP 974)” (RASCHIETTI, 2022a, p. 398).

Para o pobre, enobrece o Documento de Aparecida (CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANA, 2009), não apetece somente o anúncio da boa-nova que lhe encanta, mas a proximidade com as suas lutas, a empatia com as suas realidades, a solidariedade com as suas feridas (DAp 398). Em razão disso, a decolonização urge com um processo de desprendimento para se abrir. Dois termos que ganham discernimento no espírito conciliar pelo *aggiornamento* e a pastoralidade, frisa Raschietti, denotam “[...] uma Igreja engajada em uma renovação ad intra e em uma projeção ad extra, numa tensão correlativa entre reforma de si mesma e de diálogo com o mundo” (RASCHIETTI, 2022a, p. 302-303).

Voltando aos pobres, em sua situação histórica na libertação latino-americana, lugar de escuta e aprendizado para que a ação evangelizadora da Igreja retome à sua origem missionária de enviada por Jesus a todos. A todos... também aos pobres! Esses, em sua dimensão existencial e espiritual, são “escolas do Evangelho”, que dispõem a Igreja numa *kenosis* de sua autorreferencialidade quando se fala de missão e que se abrem para um encontro de proximidade, desprendimento de suas “seguranças missionárias”, e efetivam a concretude do anúncio requerido para todos. Melhor dizendo, os pobres “desprenderam” as amarras da atividade missionária da Igreja latino-americana e tornaram a “abrir” conforme o princípio evangélico de Jesus Cristo que diz que “os pobres são evangelizados” (Mt 11,5), pois é “deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3).

Programas e ações para uma igreja missionária

Para a construção de uma Igreja em estado permanente de missão, a CNBB busca, por meio de seus documentos e do magistério, apontar linhas de ações frente à realidade que permeia

o país. Assim, surgem as Comunidades Eclesiais Missionárias (CEMs), como uma resposta ao Concílio Vaticano II e à encíclica *Evangelii Nuntiandi* (EN) do Papa Paulo VI (1975), que enfatizaram a importância da evangelização como missão central da Igreja com o objetivo de levar a boa-nova de Cristo a todos os cantos, com especial atenção às periferias físicas e existências, assim como a todos que necessitam de uma renovação espiritual.

As CEMs desempenham um papel vital na renovação da Igreja e na promoção do Evangelho em diversas partes do mundo, buscando alcançar aqueles que ainda não conhecem a mensagem de Cristo e atingindo também aqueles que são membros da comunidade cristã, fortalecendo a fé deles na certeza que “[...] o Deus, que te ama, se fez pobre e enviou Jesus Cristo para te salvar, agora, como Espírito Santo, ‘vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar’ (EG 164)” (SUESS, 2018, p. 18). O principal braço dessas comunidades são os leigos, os agentes de transformação, e a participação deles é de suma importância para o bom êxito dos trabalhos missionários (Doc 100, n.307)

O apostolado dos leigos é participação na própria missão salvadora da Igreja, e para ele todos são destinados pelo Senhor, por meio do Batismo e da Confirmação. E os sacramentos, sobretudo a sagrada Eucaristia, comunicam e alimentam aquele amor para com Deus e para com os homens, que é a alma de todo o apostolado (LG, 33).

Assim como nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), é importante identificar, dentro das CEMs, líderes que estejam dispostos a assumir a missão evangelizadora e leigos, religiosos ou sacerdotes que tenham chamado específico para a evangelização (Doc 100, n.229). A transição das CEBs para as CEMs ocorre devido à percepção das comunidades de que é necessária uma expansão missionária de evangelização para áreas que ainda não foram alcançadas ou que desejam um maior aprofundamento no compromisso missionário. É importante lembrar que a transição de CEBs para CEMs não significa necessariamente o abandono dos princípios das CEBs, como a participação ativa dos leigos e a ênfase na justiça social. Pelo contrário, a transição pode ser vista como uma extensão desses princípios em direção à missão evangelizadora em áreas que necessitam do amor e da mensagem de Cristo.

Uma pastoral em chave missionária não está obcecada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas [...]. O anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário’ (EG 35). E o anúncio principal, no sentido qualitativo, o mantra do anúncio, que é trinitário e sempre deve voltar, é o seguinte: O Deus, que te ama, se fez pobre e enviou Jesus Cristo para te salvar, agora, como Espírito Santo, ‘vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar’ (EG 164) (SUESS, 2018, p. 18).

O discernimento e o planejamento devem ser os principais aspectos da criação de comunidades eclesiais missionárias, e é necessário avaliar se a criação é apropriada ou não. Estas ações devem envolver a avaliação do chamado missionário, a identificação das áreas e dos grupos que precisam de evangelização e a definição de metas claras para o bom êxito da criação das comunidades. Criadas as comunidades, os membros devem passar por formação missionária para

se preparar para o novo foco da evangelização (Doc 100, n.247), o que pode incluir estudos sobre missiologia, espiritualidade missionária e um treinamento prático.

Dessa forma, é de suma importância para as comunidades o desenvolvimento de um plano de ação detalhado que inclua estratégias de evangelização, métodos de alcance das comunidades-alvo e um cronograma. Isso as ajudará a manter o foco e a direção da missão para planejamento de linhas pastorais que correspondam aos atuais apelos da contemporaneidade, uma verdadeira “[...] conversão pastoral [que] significa transformação da Igreja ao ‘estado permanente de missão’” (SUESS, 2018, p. 28).

Uma pastoral em chave missionária não está obcecada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas [...]. O anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário (EG 35).

Partindo dessa linha organizacional, a partir da DGAE 2023, a Igreja propõe o Programa Missionário Nacional, que tem por objetivo evangelizar, a partir do exemplo do próprio Cristo, conduzida pelo Espírito Santo, construindo uma Igreja em saída, que vai ao encontro, de preferência, dos mais pobres e excluídos (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2019b, p.11). Dessa forma, o programa aponta quatro prioridades em âmbito nacional: a formação do povo de Deus, objetivando promover a experiência de encontro com Jesus, o missionário enviado do Pai (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2019b, p. 44); a animação missionária, que visa despertar, em todo povo de Deus, o coração e o engajamento para a construção dos conselhos missionários em todos os seus eixos e instâncias; o comprometimento profético social, que se pauta em testemunhar o próprio Cristo na sua identificação com os pobres e oprimidos, que busca a transformação social e a construção do Reino; e a missão Ad Gentes, que se baseia na conscientização e no despertar do desejo e da experiência missionária, assim como na entrega para o anúncio da Palavra de Deus para além de sua região territorial (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2019b, p. 44-49).

A partir de uma realidade macro das missões no Brasil, frente à diversidade geográfica, social e cultural do país, as DGAE de 2023 trazem em seus apontamentos alguns destaques pertinentes para essa realidade latente do país, abordando o desafio da missão da Igreja no que diz respeito ao anúncio do Evangelho no contexto do mundo urbano. Os presentes cenários da cultura urbana apontam para novos desafios da ação evangelizadora. A mudança de época aponta para vários modelos de vida que merecem a atenção dos discípulos missionários: o individualismo, o consumismo, a corrupção, a violência, a pobreza e a falta de dignidade humana. Tendo em vista todos esses desafios, pensar na Igreja e na cultura urbana repercute necessariamente em ação evangelizadora (DGAE, n. 28)

Esse apelo presente nas Diretrizes e no Plano Nacional, são também vertentes observadas na fala da entrevistada. Elisângela destaca as ações realizadas na Diocese de Limeira, dentro do previsto e apontado pelo Plano Nacional, uma vez que suas atividades têm o objetivo de conhecer e formar as realidades no impulso missionário, para a promoção de uma espiritualidade encarnada e inculturada na realidade do povo. Suess destaca que a “[...] inculturação é a analogia pastoral da encarnação de Jesus de Nazaré” (SUESS, 2018, p. 10), uma ação de se colocar na realidade

do outro, mergulhando em suas necessidades e aflições. O autor, citando a EG, diz que “O Cristo real é o Cristo que deu sua carne na cruz e nessa doação nos convidou à revolução da ternura que ‘traz o selo de Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado (EG 95)’” (SUESS, 2018, p. 10).

Quando a “ação missionária” se torna “o paradigma de toda a obra da Igreja” (EG 15), ela se torna suave, despojada, atraente e alegre. A passagem “de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária [...] continua a ser a fonte das maiores alegrias para a Igreja: Haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão [Lc 15,7] (SUESS, 2018, p. 9).

Olhando para a realidade da Diocese de Limeira, pode-se destacar que a ação que necessita de uma atenção ou que pode ser posta como possibilidade de desenvolvimento são as ações para com a juventude missionária, pois um trabalho junto a grupos de jovens e a catequese crismal são fontes diretas de encantamento missionário. “Trata-se da transformação de uma evangelização dedutiva de reanimação pastoral para uma evangelização indutiva e sinodal de recriação e participação” (SUESS, 2018, p. 24). Ter na IAM um primeiro passo para a construção dessa juventude é outra frente que pode ser explorada. Vale ressaltar o valor da missão dentro das paróquias, e, dessa forma, da formação e motivação do próprio clero para a concretude das implantações dos projetos. O trabalho de conscientização, partindo daquele que é pai na fé de uma comunidade, constrói, junto ao povo a ele confiado, a aliança para realização dessas ações.

Conclusão

Objetivou-se abordar neste artigo a realidade missionária da Igreja num âmbito geral, apoiada nos posicionamentos magisteriais - principalmente aqueles frutos do Concílio Vaticano II -, e das Sagradas Escrituras, além de, a partir da realidade missionária concreta da Igreja Particular de Limeira, apresentar uma proposta missionária apoiada na perspectiva das Comunidade Eclesiais Missionária, fruto do Documento 100 da CNBB. Levando em consideração essa realidade concreta, visou-se apresentar um olhar a partir da teologia missionária decolonial de Raschietti e de uma Igreja despojada criada por Suess.

Raschietti apresenta a estrutura missionária desvinculada de uma atitude colonial impositiva. A ótica decolonial visa, de fato, a abertura social diante da multiculturalidade e das diversas realidades. A ação missionária da Igreja deve levar em conta todo o contexto das mais variadas realidades a partir das quais se faz ação missionária na Igreja. A abertura e o diálogo tornam-se movimentos imprescindíveis da missão da Igreja, que tem como fundamento e fim a comunhão, pois a Igreja é mistério de comunhão.

Suess apresenta uma reanimação missionária pautada numa atuação intuitiva, sinodal e participativa; ou seja, numa atitude de se colocar na realidade do outro. De fato, o autor apresenta uma realidade de abertura do anúncio do Evangelho, principalmente no contexto de cultura urbana, para a transformação social e a construção do Reino de Deus.

Como abordado pela entrevistada, não existem orientações e uma atividade específica para lidar com a realidade da inculturação e de outros contextos diferentes. Para isso, visa-se um

movimento de conscientização missionária que se torne muito importante para as diversas comunidades eclesiais. Como abordado no último tópico deste artigo, são necessárias, imprescindíveis e urgentes a formação e a conscientização missionária a partir da adolescência e juventude; por isso, deve-se valorizar o trabalho da IAM e da juventude missionária. Embora haja essa proposta específica, a concepção de uma ação missionária decolonizadora, em consonância com aquilo que é proposto pela Igreja, é importantíssima na proposta de todas as comunidades eclesiais missionárias. Para isso é necessária a todas as comunidades um plano pastoral missionário pautado numa Igreja, de fato, “em saída”; ou seja, despojada de qualquer atitude colonizadora.

Referências

- BOFF, L. *A Trindade e a Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de Comunidades: uma nova Paróquia*. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Documento da CNBB, 100).
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. Brasília: Edições CNBB, 2019a. (Documento da CNBB, 109).
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Programa Missionário Nacional 2019-2023*. Brasília: Edições CNBB, 2019b.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANA. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V conferência geral do episcopado latino-americano e do Caribe*. 11. ed. São Paulo: Paulus; Paulinas; Edições CNBB, 2009.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2017. (Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a igreja; Decreto *Ad Gentis*: sobre a atividade missionária da Igreja; Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje).
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Brasília: Edições CNBB, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Redemptoris Missio: sobre a validade permanente do mandato missionário*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1990 Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 1 maio. 2021.
- LADARIA, L. F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- PANAZZOLO, J. *Missão para todos: introdução à missiologia*. São Paulo: Paulus, 2019.
- PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 1 maio. 2021.
- RASCHIETTI, E. *A missão em questão: a emergência de um paradigma missionário decolonial*. Petrópolis: Vozes, 2022a.
- RASCHIETTI, E. Missão e decolonialidade. Apontamentos para um paradigma missionário latino-americano em perspectiva decolonial. *Perspectiva Teológica*, v. 54, n. 2, p. 513-537, 2022b.
- SUESS, P. A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. *Cadernos Teologia Pública*, v. 15, n. 137, 2018.
- TAMAYO, J. J. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2019.